QUI
SALVADOR
28/7/2022

A TARDE
MUNICÍPIOS
atarde.com.br/municipios

TODOS PELA VACINA

COLUNA PANORAMA
Eunápolis ganha Centro de Especialidades em Saúde 2

GÊNERO Representação feminina na política ainda é baixa, mas há avanços na participação nos setores público e privado

MULHERES SUPERAM DESAFIOS E CONQUISTAM NOVOS ESPAÇOS

Mesmo constituindo maioria da população brasileira e correspondendo a 52,5% do eleitorado do país, as mulheres seguem tendo menor representação em cargos legislativos e executivos. Apenas 12,7% dos 417 municípios baianos são dirigidos por prefeitas, e as porcentagens de deputadas federais e estaduais e de vereadoras eleitas no último pleito, em 2018, foram de 7,7%, 15% e 13,5%, respectivamente. Mas elas seguem conquistando posições e ampliam sua participação nos espaços de poder nos setores público e privado. Nesta edição, relatamos algumas dessas histórias de protagonismo do público feminino no estado. 3 a 8

ESTE CADERNO É PARTE INTEGRANTE DESTA EDIÇÃO. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

REFERÊNCIAS
A TARDE relata cases de sucesso de mulheres que se destacam em várias áreas na Bahia 3

PODER
Ampliação da representação política feminina segue como maior desafio 4 e 5

EMPREENDEDORISMO
Associativismo e cooperação são caminhos para superar exclusão e ter sucesso nos negócios 6 e 7

Jane de Araújo /Agência Senado

ENTREVISTA
Lídice da Mata analisa os avanços e retrocessos da luta pela participação feminina no poder 8

Panorama

panorama@grupoatarde.com.br

Centro de Saúde é inaugurado em Eunápolis

A Prefeitura de Eunápolis entregou à população o Centro de Especialidades em Saúde Dr. Luiz Andrade, inaugurado na segunda-feira (25). No equipamento, que vai ser referência no interior do estado, vão poder ser atendidas até 300 pessoas diariamente, que terão acesso às seguintes especialidades: anestesiologia; angiologia; cirurgia geral; cirurgia torácica; dermatologia; endocrinologia; fisioterapia; fonoaudiologia; gastroenterologia; ginecologia; ginecologia obstétrica; nefrologia; neurologia; neurocirurgia; nutrição; oftalmologia; ortopedia; pediatria; pneumologia; reumatologia; urologia. Além disso, também serão ofertados diversos exames e procedimentos. "Investimos neste equipamento para dar atenção digna a nossa comunidade", destacou a prefeita Cordélia Torres. A estrutura teve área ampliada para 880 metros², com 10 consultórios médicos, assentos para quase 100 pessoas, cerca de 30 equipamentos de ar-condicionado, farmácia, duas recepções, ambiente para separação do lixo comum do hospitalar e paisagismo.

Tensão aumenta em clima pré-eleitoral

O presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia (AL-BA), Adolfo Menezes (PSD), aproveitou a entrevista que concedeu à Rádio Metrópole, na segunda (25), para mandar um recado para o ex-aliado, Marcelo Nilo (Republicanos). Nilo deixou a base do governador Rui Costa (PT) para caminhar junto a ACM Neto (União Brasil) nas próximas eleições para governador. "É normal [que políticos saiam de grupos que elogiam e passam a atacar ao mudar de lado] a gente está vendo, mas não é um comportamento normal. Eu uso como exemplo: como é que você vive com uma mulher por 10, 20 anos e depois que separa sai batendo, esculhambando? Gente que conviveu 15 anos no mesmo grupo e sair falando mal. Fica muito ruim, mas cada um faz da vida o que acha melhor. Acho um péssimo exemplo para as futuras gerações", disparou Adolfo Menezes. Desde que assumiu apoio a Neto, Marcelo Nilo vem tecendo duras críticas ao governador Rui Costa e ao PT.

IPTU Justo para Salvador

A bandeira que vem sendo levantada em Salvador pela cobrança justa do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) ganha cada vez mais força entre grupos da sociedade baiana. Nas redes sociais, uma destas comunidades que se intitulou IPTU Justo Salvador, denunciou o mau uso do imposto. Com fotos que revelam abandono e descaso, os denunciantes registraram a realidade do Parque dos Ventos, na Boca do Rio. "Houve muita propaganda na sua inauguração. A ideia é muito boa. Gastou bem nosso IPTU. Mas a manutenção é péssima. Ou seja, vários equipamentos já estão avariados e gerando perigo para a população. Todo empreendimento público deveria ter orçamento de implantação e de manutenção. Mas, o negócio dos nossos políticos é inaugurar e reinaugurar", diz o texto da redes social. O Movimento IPTU Justo Salvador vem realizando manifestações e carreatas pela cidade para chamar a atenção da população da cidade contra os problemas gerados por uma cobrança desproporcional do imposto.

Capacitação é foco de curso da Abapa

A Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) concluiu, na semana passada, o primeiro dos três módulos do curso Processos de Classificação em Pluma, executado pelo Centro de Treinamento de Treinamento da entidade, em parceria com o SENAI, via Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (CETIQT). O objetivo do curso foi esclarecer para produtores e profissionais que trabalham nas unidades de beneficiamento de algodão (UBA), as chamadas "algodoeiras", sobre como procedimentos adotados neste, que é o primeiro elo industrial da produção da fibra, podem impactar positiva ou negativamente a fabricação do fio. O gerente do Centro de Classificação de Fibras da Abapa, Sergio Brentano, ressaltou que os processos na algodoeira também podem ser mais gentis à fibra. "Sem causar danos desnecessários à qualidade. Este aprimoramento no trato do produto na UBA estamos vendo ano a ano", diz.

Fábrica de hidrogênio verde será instalada em Camaçari

O Estado da Bahia, representado pelo governador Rui Costa e secretários, participou, na manhã de terça-feira (26), do lançamento da pedra fundamental da Fábrica de Hidrogênio Verde da Unigel, no Polo Petroquímico, em Camaçari. O hidrogênio verde é uma fonte de alta densidade energética e de carbono nulo, produzido a partir de fontes renováveis, como a energia eólica e a solar. Com investimento inicial de US$ 120 milhões, a planta deve entrar em operação até o final de 2023 e promete ser uma das maiores em operação do mundo. Quando estiver em funcionamento, a planta do combustível vai gerar 500 empregos. A primeira fase do projeto prevê uma capacidade de produção de 10 mil toneladas por ano de hidrogênio verde. A Bahia foi escolhida para a instalação da planta, pois a unidade da Unigel em Camaçari já possui toda a estrutura para converter hidrogênio verde em amônia verde, e por ser um estado líder em produção de energia renovável.

Divulgação

Eliana Gonzaga (no centro): investimento em qualificação de escolas e valorização de professores

POUCAS & BOAS

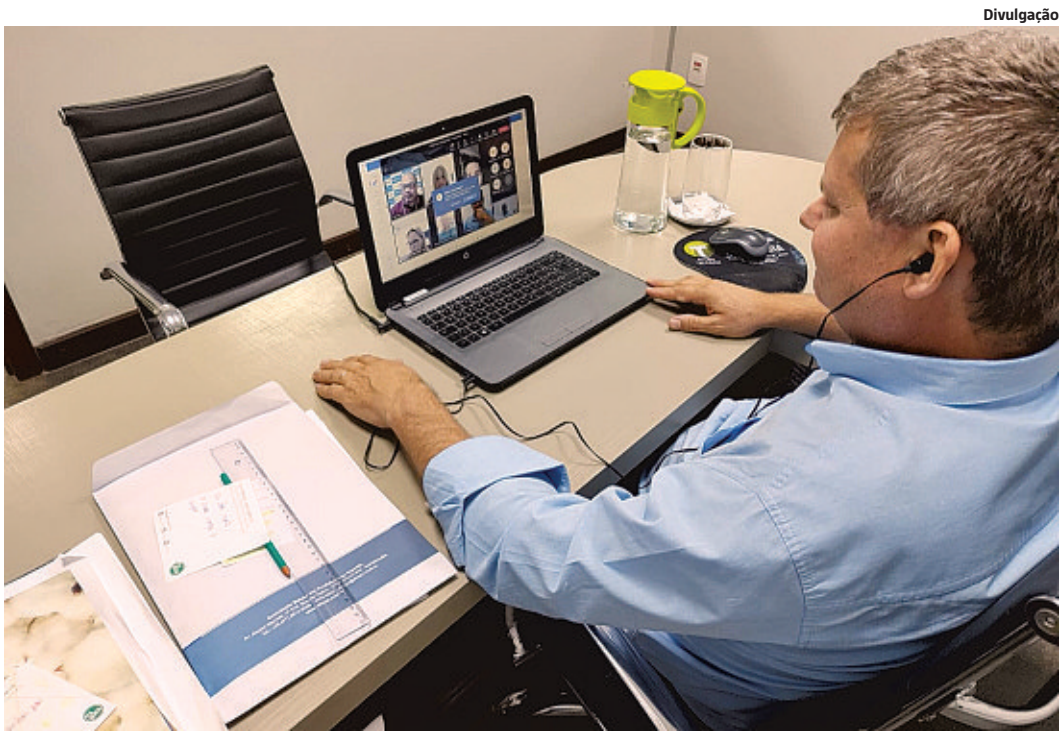
- *Mais uma instituição de ensino superior da Bahia vai participar do Prêmio Abapa de Jornalismo 2022, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, de Vitória da Conquista. Na UESB, a Abapa anunciou que a categoria, agora, estará aberta também aos alunos do quarto semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo. Para edital e mais informações sobre o Prêmio Abapa de Jornalismo: www.abapa.com.br/premio-abapa-de-jornalismo*

- *O Hospital Humberto Castro Lima (HHCL), realiza até sábado (30) avaliação gratuita da saúde ocular para pessoas acima de 60 anos, diagnosticando se o paciente apresenta a catarata, doença que lidera as cirurgias oculares nessa faixa etária. Os interessados devem comparecer na recepção do Atendimento do IBOPC, que fica localizado na rua Pedro Lessa, nº 118, no Bairro Canela, com carteira de identidade, CPF, cartão do SUS e comprovante de residência. Serão 40 atendimentos que serão realizados por ordem de chegada, mediante distribuição de senhas*

- *As secretarias de Desenvolvimento Econômico, Emprego e Renda (Semdec) e de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude (SPMJ) iniciaram, na segunda-feira, 25, os cursos de pedreiro polivalente e operador de empilhadeira à combustão, exclusivos ao público feminino, a partir dos 18 anos, na unidade Dendezeiros. Para cada turma, são ofertadas 12 vagas.*

- *Com o objetivo de contribuir para a elevação do grau de consciência linguística dos participantes quanto aos usos da língua portuguesa, principalmente no que diz respeito à produção de textos na perspectiva da chamada redação oficial, a Escola de Contas Conselheiro José Borba Pedreira Lapa (ECPL) promove, nos dias 1º, 3 e 5 de agosto, das 8h30 às 12h30, na sala de treinamento, o curso de Língua Portuguesa, Gramática e Redação. Com carga horária de 12 horas, o curso será ministrado pelo professor Luciano Amaral Oliveira, doutor em letras e linguística pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Para realizar sua inscrição, acesse: https://www.tce.ba.gov.br/eventos*

Divulgação



Abapa concluiu primeiro dos três módulos do curso oferecido em parceria com o SENAI

"É muito importante que o produtor brasileiro conheça a indústria nacional e que tenha sempre em mente as demandas do consumidor"

MICHELINE MAIA TEIXEIRA, Instrutora do SENAI/CETIQT

"Os treinamentos permitem o acesso da mulher ao mercado de trabalho, o que é um grande desafio, ainda mais na construção civil"

MARIA EDUARDA LOMANTO, Diretora da Semdec

Shirley Stolze / Ag. A TARDE

Ato de lançamento da Fábrica de Hidrogênio Verde da Unigel, no Polo Industrial de Camaçari

Embrapa marca presença na 74ª Reunião Anual da SBPC

A Embrapa estará presente na 74ª Reunião Anual da SBPC, que terá como tema Ciência, Independência e Soberania Nacional. No enfoque da alimentação, o tema remete à segurança alimentar e a Embrapa apresentará diversas tecnologias que têm como foco a melhoria da produção agropecuária brasileira e também o aumento da diversidade e da qualidade da alimentação da população. No espaço organizado pela Embrapa Cerrados, o visitante conhecerá variedades de grãos melhoradas pela pesquisa com a finalidade de alcançar boas produtividades na região, já que são adaptadas às condições de clima e solo do bioma, garantindo maior quantidade de alimentos com boa qualidade para os brasileiros. Também serão apresentadas espécies frutíferas nativas do Cerrado, como o baru, e outras adaptadas para serem cultivadas aqui, como a pitaya e o maracujá. O evento acontece até sábado, dia 30.

Gestão de Cachoeira foca na Educação

A prefeita de Cachoeira, Eliana Gonzaga (Republicanos), assinou na segunda-feira (25), a Ordem de Serviço de Recuperação das escolas municipais e a adequação do regime de 40 horas para os professores da rede. O ato de assinaturas aconteceu no Espaço Cultural da Estação, onde a gestora ressaltou a importância desses avanços estruturais e de garantia de direitos aos profissionais da educação. "Nossas escolas passarão por uma verdadeira adequação em sua infraestrutura para que nossas crianças e jovens tenham um espaço seguro e com qualidade de aprendizagem. E a valorização dos nossos professores é a prova do nosso reconhecimento e respeito a essa categoria fundamental", disse. Um investimento de cerca de R$ 3 milhões está previsto para melhorar a estrutura das escolas, oferecendo um padrão de excelência, com ventilação adequada e melhor organização dos espaços.

Tremores de terra são registrados na Bahia

Nove tremores de terra foram registrados nas cidades de Jacobina e Jaguarari, no norte da Bahia, entre sábado (23) e a última segunda-feira (25). As informações são do Laboratório Sismológico (LabSis) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O LabSis no município de Jacobina, calcula um tremor de terra, de magnitude preliminar em 1.8 mR. De acordo com Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a intensidade do tremor é calculada pela escala Richter (mR). A escala Richter é pontuada de um a nove; cada grau corresponde a ondas dez vezes mais "fortes", a uma potência 30 vezes superior. Um tremor de menos de 3,5 graus é apenas registrado pelos sismógrafos. No entanto, outro entre 3,5 e 5,4 pode produzir danos. No último domingo, 24, um tremor de terra foi registrado na cidade de Jaguarari. Conforme o LabSis, a magnitude preliminar calculada é de 1.7 mR.

Detran-BA faz mutirões no mês do motorista e motociclista

Durante todo o mês de julho o Detran-BA (Departamento Estadual de Trânsito) promove mutirões de exames práticos e elevação diária de vagas, em homenagem ao Dia do Motorista (25) e ao Dia do Motociclista (27). O objetivo é formar condutores e promover um trânsito mais seguro. Os mutirões acontecem aos sábados, em Salvador, com oferta de 320 horários extras. As provas práticas também tiveram um aumento diário, de 80 exames, para atender candidatos às categorias A e B. A oferta diária de provas práticas foi elevada para 80 novas marcações de segunda a sexta-feira. O Departamento organizou atividades diversificadas para lembrar a importância de conscientização no trânsito, como blitz educativa e palestras. Já o funcionamento da Banca de Exames aos sábados representa oportunidade para os interessados em retirar a CNH (Carteira Nacional de Habilitação), através da agilização do processo prático. Para aproveitar as vagas, os alunos devem seguir as orientações referentes à documentação exigida, prazos e comprovação do esquema de vacinação atualizado contra a Covid-19.

CAROLINE GOIS

EXPEDIENTE - A TARDE - Fundado em 15/10/1912 por Ernesto Simões Filho / PRESIDENTE: **João de Mello Leitão** CONTROLLER: **Lucas Lago** RELAÇÕES INSTITUCIONAIS: **Luciano Neves** COMERCIAL:**Marluce Barbosa** MARKETING: **Eduardo Dute** A TARDE E MASSA!: **Luiz Lasserre** CONTEÚDOS E PROJETOS ESPECIAIS: **Mariana Carneiro** PORTAL A TARDE: **Caroline Gois** RÁDIO A TARDE FM: **Jefferson Beltrão // CADERNO ESPECIAL //** Coordenação Editorial: **Mariana Carneiro /** Coordenação Gráfica **Vado Alves /** Edição: **Cassandra Barteló /** Edição de fotografia: **Xando Pereira /** Diagramação: **Vado Alves e Victor Hegouet**

HOMENAGEM A TARDE traz cases de mulheres do estado que se destacam em suas áreas

BAIANAS VENCEM DESAFIOS E CONQUISTAM SEUS ESPAÇOS

CLAUDIA LESSA

Juceb / Divulgação

Marise Chastinet, presidente da Juceb

No decorrer da sua formação profissional, Marise Chastinet, presidente da Junta Comercial da Bahia (Juceb), foi percebendo o quanto seria importante buscar estabilidade, principalmente pelo desafio de ser mulher. Partiu, então, para encarar seu primeiro desafio de passar em um concurso público. "Abdiquei de tudo e estudei duro. O resultado foi gratificante: fui aprovada e logo já me via servidora de carreira como funcionária concursada do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (Dnocs).

Sendo a primeira mulher do órgão a ocupar um cargo de direção, historicamente gerido por homens, invariavelmente, Marise se deparou com as discriminações e os preconceitos inerentes. "Por ser um cargo federal e se tratar de um universo em sua grande totalização masculino, enfrentei o desafio de mostrar que não era questão de gênero, mas de potencial e profissionalismo. Assim, durante toda a minha trajetória no Dnocs, convivi e liderei homens, tanto na Bahia, quanto em Sergipe", lembra.

Marise conta que era perceptível o incômodo masculino com a presença de uma mulher no comando do Dnocs. "Contudo, o tempo foi passando e o meu trabalho foi se destacando e me trazendo respeito, porém não aceitação. Eles me respeitavam, mas era nítido que não me aceitavam na direção. Por ironia do destino venho assumindo cargo de destaque no serviço público. Passei pela Companhia de Docas do Estado da Bahia (Codeba), um ambiente também muito masculino. Segui os mesmos passos do Dnocs, exercendo meu papel de líder e encarando outro desafio em um cargo de diretora".

Na Codeba, os colegas também diretores não a aceitavam ocupando o cargo. "Eles chegaram ao ponto de questionarem projetos idealizados por mim e minha diretoria. Foi uma das etapas mais difíceis da minha vida", recorda. Em seguida, na Secretaria Municipal de Ordem Pública de Salvador, Marise revela que enfrentou a desigualdade do comercio informal. "No início, era perceptível a falta de credibilidade que eles depositavam em mim, que fui a segunda mulher à frente do órgão. A interrogação existia até em algumas mulheres, o que acho até pior, pois denota a falta de cumplicidade e empatia no nosso meio. Mas foi com o meu esforço e da minha equipe, a minha sensibilidade e liderança que realizamos um ótimo trabalho e deixei meu legado".

Apesar dos avanços na luta pelos direitos das mulheres, o debate sobre a representatividade feminina na política ainda está distante do desejado, acredita a presidente da Junceb. "Muitas mulheres ainda têm dificuldades de ocupar cargos de poder, serem eleitas ou terem voz ativa nas tomadas de decisões políticas. Isso acontece devido a exclusão histórica das mulheres na política e que reverbera até hoje".

Marise conta que era perceptível o incômodo masculino com a presença de uma mulher no comando

Uneb / Divulgação

Adriana Marmori, reitora da Uneb

Ex-estudante de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) de Barreiras e, agora, reitora da instituição de ensino, Adriana Marmori tem uma trajetória de vida carregada de desafios para se estabelecer social e politicamente como liderança feminina. Pedagoga, mestre em Educação e Contemporaneidade e doutora em Difusão do Conhecimento, ao longo da vida, a gestora atuou na formação de docentes em cidades da Bahia, lidando com um público feminino.

"Assumir a governança de uma instituição pública, como a Uneb, que há 39 anos produz ciência e contribui para o desenvolvimento do nosso Estado, com um universo de, aproximadamente, 30 mil pessoas, entre docentes, técnicas/os e estudantes, em 26 campi espalhados pela Bahia, é muito significativo", se orgulha.

Pelas portas da docência universitária, Adriana Marmori assumiu diferentes espaços de liderança na Uneb: diretora de Departamento, gerente de Extensão, pró-reitora, vice-reitora e reitora. A maioria dessas funções foram conquistas pelo voto direto da comunidade acadêmica, via processo democrático, por meio do debate às urnas. "Nesse percurso, passei por inúmeros desafios. Primeiro, trabalhar na formação de equipes e grupos com estabelecimento de confiança na liderança de uma mulher, com o espírito de colaboração, não foi fácil para uma mulher, jovem, vinda do interior, conquistar pessoas em um ambiente extremamente conservador", ressalta.

Na sequência, continua Adriana, foi desafiante tomar decisões com firmeza e sem perder o afeto, ainda que desagrade a determinados grupos, assumindo os princípios, as legislações vigentes e a visão estratégica de gestão. "Além disso, estabelecer uma rotina de estudos, pois a formação precisa ser uma constância para quem faz e pensa políticas públicas em Educação, não foi fácil", diz a reitora, logo depois que concluiu a graduação, enfrentou o desafio do deslocamento para Salvador para cursar as duas especializações lato sensu e o mestrado. "Era uma realidade dos anos 1990, quando a interiorização da pós-graduação ainda era muito incipiente".

A gestora conta que, no dia a dia, aprende constantemente a lidar com o machismo, racismo, sexismo, preconceito geográfico e a desconfiança recorrente da sociedade com a competência de mulheres em espaços de poder. "Para superá-las, tenho buscado denunciar nos discursos e nas ações, tenho realizado meu trabalho e acessado formação diariamente", revela. Ela ressalta que, da participação política através do voto até então, "conquistas foram feitas muito por conta dos movimentos feministas, como também pela ascensão das mulheres a diferentes espaços de atuação e de poder".

Nas universidades, completa, os grupos de pesquisas e os movimentos estudantis também contribuem com a discussão, proposições e denúncias. "É preciso reafirmar sempre que ocupamos os espaços de poder por formação, competência e reconhecimento daqueles/las que acreditam na nossa força, energia e no conhecimento para conduzir instituições, para propor leis e defender a população nos espaços políticos. Tem muita dedicação e compromisso na trajetória de nós, mulheres".

Pedro Ângelo / Divulgação

Suzana Ramos, prefeita de Juazeiro

Suzana Ramos, prefeita de Juazeiro, revela que sempre foi uma mulher ligada às causas sociais e que a sua vida pública foi influenciada por seu marido, Joroastro Espínola Ramos (Zoró), que foi vereador e deputado estadual. "As desigualdades e injustiças sociais sempre me incomodaram, sendo um dos motivos que me fizeram ingressar no curso superior de Serviço Social, com o intuito de poder servir a comunidade de alguma forma".

Dentro dessa trajetória, a juazeirense Suzana alimentava o sonho de se tornar prefeita de sua cidade. Mas sabia que não era uma conquista fácil, que precisava, antes, percorrer caminhos que a levassem à Câmara Municipal. "Com o convívio nos bastidores políticos, decidi concorrer a uma vaga para vereadora e fui eleita por três mandatos consecutivos, entre 2004 e 2012, sendo sempre muito bem votada".

Em 2016, Suzana concorreu ao poder executivo como vice-prefeita, mas a chapa não conseguiu se eleger naquele ano. "Em 2020, surgiu o projeto mais desafiador em minha carreira política e entrei para história de Juazeiro como a primeira prefeita eleita da cidade". Hoje, com a experiência de ter ocupado espaços de poder historicamente preenchidos por homens, a prefeita afirma que as mulheres precisam buscar, cada vez mais, ocupar os espaços de decisão. "Inclusive, porque, muitas vezes, são as nossas pautas que estão em jogo. É preciso haver uma representatividade feminina maior nesses espaços, pois se a gente for analisar a proporcionalidade entre o quantitativo de mulheres no Brasil e o de representantes femininas nos cenários de poder, a conta não fecha. Somos capazes, competentes e a nossa voz precisa ser ouvida e respeitada na sociedade".

Para fortalecer as políticas públicas que visam a igualdade de direitos para as mulheres, Susana considera que é preciso dar a esse público condições para que participe efetivamente da vida social. "Por exemplo, a construção de creches para cuidar dos filhos dessas mães que trabalham durante todo o dia; efetiva aplicação dos direitos já garantidos à mulher, respeitando seus momentos de vida, como a gravidez e o puerpério, em um contexto profissional; desenvolver no âmbito educacional ações contínuas de conscientização com meninos e meninas sobre os diversos preconceitos existentes na sociedade para quebrar esse ciclo de violência; e garantir acesso efetivo aos programas de saúde pública voltados para a saúde feminina", enumera.

Suzana considera que é preciso dar para a mulher condições para que participe efetivamente da vida social

Angelino de Jesus / Divulgação

Daniela Borges, presidente da OAB-BA

Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – secção Bahia (OAB-BA) e professora da Universidade Federal da Bahia e da Faculdade Baiana, Daniela Borges lembra que, na faculdade cursada entre 1997 e 2001, a proporção de homens e mulheres na turma era de dois para uma e os professores eram predominantemente homens. Em seguida, ao iniciar a carreira na advocacia, percebia que os profissionais de sua área tinham como referência os grandes escritórios de advogados protagonizados somente por homens. Atualmente, diz, há um número cada vez maior de mulheres que são consideradas referência na advocacia, mas os desafios ainda são imensos.

"Os sócios majoritários dos escritórios ainda são predominantemente homens e, assim, somos desafiadas diariamente no exercício da nossa profissão". Curiosamente, conta a dirigente da OAB-BA, as mulheres são mais da metade dos inscritos na OAB no Brasil, inclusive na Bahia. Entretanto, a gente ainda lida com diferenças de remuneração, assédio e uma série de questões que se colocam como desafios para que a gente possa se consolidar e se fortalecer na nossa profissão", observa.

No sistema OAB, Daniela começou como conselheira seccional. "Nós éramos poucas mulheres, mas formávamos um grupo na Bahia comprometido em ser vanguarda. Rapidamente, assumimos o compromisso de buscar uma maior participação de mulheres no grupo, independentemente das regras eleitorais. Quando 30% era o percentual de mulheres exigido pela OAB, nós já tínhamos mais. Tivemos paridade antes de ser obrigatório. Como tínhamos essa história de vanguarda, eu pude assumir a presidência da Comissão Nacional da Mulher Advogada, no triênio passado, e defender a paridade de gênero e as cotas raciais como algo obrigatório no sistema de eleições da OAB. Essa foi uma medida que mudou, deu uma guinada na história da nossa instituição", conta.

Hoje, a presidente da OAB-BA comemora o fato de os órgãos deliberativos da entidade terem 50% de mulheres e 50% de homens, e 30% de advogados e advogadas negras. "Isso foi disruptivo e ocorreu dentro de uma história. Uma história de grupo, minha, uma história de pessoas comprometidas com essa pauta. Claro que os desafios ainda existem, mas, sem dúvida, a gente tem sido, inclusive, referência para outras instituições a partir desta guinada que a gente deu internamente". Na política nacional, no entanto, não se consegue ver essa representatividade feminina que a OAB tem atualmente.

"O Brasil é o penúltimo país da América Latina em representatividade feminina nos parlamentos, mesmo as mulheres sendo 52,5% do nosso eleitorado. Nós temos uma situação de violência política contra as nossas parlamentares durante as campanhas, um processo que torna ainda mais difícil para as mulheres chegarem e se manterem nesses espaços, nos parlamentos; no executivo é ainda mais difícil. A gente tem essa triste realidade em nosso país", lamenta.

Ascom / PMC

Eliana Gonzaga, prefeita de Cachoeira

Filha de Antônia Gonzaga de Jesus e de Valeriano de Jesus, feirantes, Eliana Gonzaga começou a trabalhar na feira livre com seu pai, que vendia sandálias em frente ao Mercado Municipal de Cachoeira. Então estudante de escolas públicas da sua cidade, onde também fez a formação de Magistério e Técnico em Contabilidade, desde jovem a atual prefeita do município baiano do Recôncavo Baiano conta que sempre esteve envolvida ativamente em movimentos sociais.

"Ainda na escola, eu era voz ativa nas agremiações estudantis. A partir da década de 1980, comecei a atuar em projetos sociais. Em seguida, me tornei militante sindical em prol dos trabalhadores rurais de Cachoeira, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, onde desenvolvi uma série de ações, como a sede do sindicato. A militância me alavancou para a candidatura à vereadora em 2008, na qual fui a mulher mais votada da história do município. Em 2012, fui reeleita", relata a gestora municipal.

Em 2016, Eliana Gonzaga foi candidata a vice-prefeita, mas a chapa não foi eleita. "Em 2020, atendendo ao pedido popular, me candidatei à prefeita de Cachoeira e, eleita com 10.448 votos, me tornei a primeira mulher negra prefeita de Cachoeira. Na luta política, a gestora constata a desigualdade do Brasil real e do Brasil político. "Nós, mulheres, somos maioria da população, mas ocupamos um espaço ainda pequeno nos cargos políticos, de poder e de decisão. Nas prefeituras, por exemplo, somos apenas 12%".

Como desafio social prioritário, acredita, é fundamental que cada vez mais mulheres ingressem na política e que tenham uma rede de apoio real para que ocupem cargos no legislativo e executivo. "Para isso, acredito que a palavra principal é investimento. Pastas voltadas para a execução de políticas públicas que assegurem a igualdade de direitos precisam ter mais recursos investidos, com o objetivo de que essas políticas, programas e ações possam chegar de forma mais efetiva em todos os municípios do Estado".

Como exemplo de conquista da sua gestão, Eliana destaca a implementação do Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM). "Este equipamento tem uma abrangência regional e vem desempenhando um importante papel para a garantia de direitos das mulheres. Acredito que, com maior investimento, mais municípios poderiam contar com um espaço como o CRAM". A prefeita destaca, ainda, a Secretaria Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, como um ganho social para a cidade. "Estamos em constantes estudos para que a atuação da pasta abranja cada vez mais segmentos sociais".

Eliana acredita que é fundamental que cada vez mais mulheres ingressem na política

GÊNERO A Covid elevou o desemprego entre as mulheres; elas já enfrentam historicamente salários menores que os dos homens

PANDEMIA AMPLIA DESIGUALDADE

As mulheres apostam na qualificação e conquistam mais espaço no mercado

Freepik / Divulgação

MIRIAM HERMES

O empreendedorismo feminino, tendência evidente no mercado mundial, também se revela forte na Bahia com a presença das mulheres nos mais diversos setores.

Com ousadia e persistência, as mulheres apostam na qualificação e se fortalecem em trabalhos conjuntos. Entretanto, para alcançar a equidade de gênero, na maioria das situações há ainda um longo caminho a percorrer.

De acordo com pesquisa desenvolvida pelo Sebrae, 31% das mulheres têm ensino superior ou mais, contra 22% dos homens. No entanto, no mercado de trabalho 31% dos homens estão na faixa de salários acima de seis mínimos, enquanto que só 22% das mulheres estão nesta faixa salarial.

Outro indicativo está na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD/IBGE), referente ao primeiro trimestre deste ano, apontando que as mulheres somam 109,1 milhões do total de 213,5 milhões brasileiros. E, mesmo sendo maioria da população, menos de 40% dos cargos de gerência e coordenação são ocupados por elas no Brasil.

A mesma pesquisa mostrou que a desocupação feminina na Bahia foi de 21,5%, ao tempo que a média geral foi de 17,6% e a masculina de 14,7%, confirmando que a taxa de desemprego das baianas foi 46,3% maior que os homens. No mesmo período, a média nacional de desocupação das mulheres foi de 13,7%, apontando que as baianas ainda estão abaixo da média do Brasil.

De acordo com o especialista em produção de informações da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Luiz Fernando Lobo, a pandemia da Covid-19 favoreceu o crescimento da taxa de desemprego das mulheres do estado.

"A taxa média anual de desocupação das baianas chegou a se revelar quase 60% maior do que a dos baianos no ano de 2021, sendo que era de 40,4% em 2019", pontuou.

Acerca dos rendimentos médios mensais elas também têm desvantagem, pois receberam em média R$ 1.532, enquanto a média masculina foi de R$ 1.700, "significando dizer que as mulheres auferiram apenas 92,32% do rendimento médio dos homens", disse, citando dados da mesma pesquisa.

Darío G. Neto/ ASN BA

Rosângela Gonçalves, do Sebrae, enfatiza que "proporcionalmente a mulher estuda mais"

Ele enfatizou que na comparação dos números do PNDA Contínuo a partir de 2012, ano que foi iniciado este modelo de pesquisa, não existem muitos avanços, com oscilações que acompanham as mudanças da economia.

Competitividade em alta

Um dos melhores indicadores é a redução da distância entre os ganhos de homens e mulheres. Segundo Lobo, "a proporção do rendimento médio do trabalho principal das mulheres em relação ao dos homens, passou de aproximadamente 80,0%, em 2012, para 92,3% em 2021".

Ao romper barreiras por discriminação e jornadas duplas ou triplas, o movimento feminino acontece cada vez mais acelerado nos últimos anos e pode ser mensurado pelo número de atendimentos prestados pelo Sebrae/BA no ano passado, quando 53% foram voltados para as mulheres baianas.

"Em 2022 até agora está em torno de 50%", afirmou a gestora do Programa Desenvolvendo Empreendedoras Líderes Apaixonadas pelo Sucesso (Delas/Sebrae), na Bahia, Rosângela Gonçalves.

Ela definiu a iniciativa, implantada no estado em 2018, como "um conjunto de ações voltadas para impulsionar negócios liderados por mulheres, através de qualificação, para melhorar a competitividade".

Além de eventos pontuais para trabalhar os principais desafios das empreendedoras, o programa também oferece acompanhamento sistemático para o público feminino com equipes especializadas.

De acordo com Rosângela Gonçalves, uma das peculiaridades do trabalho feminino é o tempo menor dedicado aos negócios por conta das demais atribuições. "Por isso precisa ser mais assertiva no tempo disponível", pontuou, enfatizando que "proporcionalmente a mulher estuda mais, mas ainda tem menor reconhecimento e remuneração".

As 'crenças limitantes', segundo a gestora, são fatores que precisam ser superados por boa parte das mulheres. Ela destacou que as formações disponíveis em diversos formatos visam trabalhar a competência emocional e de governança, "fomentando a formação de redes para o fortalecimento em grupo".

Luta por sobrevivência

De acordo com as pesquisas citadas, em meio ao conturbado momento econômico e mundial, as mulheres precisam se empenhar mais que os homens pela sobrevivência, muitas vezes como únicas responsáveis por suas famílias.

"As mulheres pobres, negras e de baixa escolaridade são as que mais têm dificuldades de sobrevivência, pois na maioria das estruturas familiares, de organizações e empresariais ainda vigoram diversos conceitos pré-estabelecidos de supremacia do homem", afirmou a assistente social Mirela Campos, acrescentando, entretanto, que as dificuldades também existem para mulheres brancas e escolarizadas.

E neste contexto, na busca pelo seu espaço no mercado cada vez mais competitivo, a cirurgiã-dentista Patrícia Barros superou desafios para se tornar uma empresária do setor, onde tem sócias mulheres e o quadro de colaboradores é 100% feminino, depois de enfrentar uma série de preconceitos.

"Mas não desanimei. Estudei e me capacitei. Participei de ações inclusivas que ajudam muito a nós mulheres virarmos esse jogo e construirmos um mercado de trabalho mais equilibrado, em que é possível mostrar nosso potencial", disse, satisfeita com o resultado.

Especialista em ortodontia com especializações no exterior, a profissional disse que se sente realizada e tem orgulho da sua equipe. Para ela, os principais "pontos fortes" do trabalho feminino são a flexibilização, colaboração e maior fortalecimento da diversidade, criatividade e inovação, "fatores essenciais para que as empresas se mantenham competitivas", disse.

Para ela, a liderança feminina está se consolidando como resultado de uma luta integrada por diversos grupos, visando a igualdade de direito para homens e mulheres. "O tema chama a atenção para a urgência de condições de trabalho, salários e tratamento realizados com equidade", enfatizou.

Acervo pessoal

A cirurgiã-dentista Patrícia Barros superou desafios para se tornar uma empresária do setor

UNIÃO A organização de grupos, como associações e cooperativas, tem sido um diferencial para as mulheres

PARCERIAS FORTALECEM A ATUAÇÃO FEMININA NOS NEGÓCIOS

MIRIAM HERMES

A organização de grupos voltados para impulsionar a participação feminina no mercado empreendedor tem sido um diferencial na vida das mulheres, por meio de vários formatos de agremiações. As oportunidades criadas por empresas e instituições fomentam a qualificação para que se tornem protagonistas das suas histórias de vida.

Entre as mulheres que empreendem na Bahia, 50,86% atuam no comércio, de acordo com pesquisa do Sebrae com mulheres de todas as regiões do estado. Atrás, com 38,76%, está o setor de serviços e artesanato em terceiro, com 6,44%. Embora seja de 2018, é a última referência estadual sobre o assunto.

No universo dos Microempreendedores Individuais (MEIs), também o ramo do varejo é opção para mais da metade das mulheres, representando 53,41%, principalmente na área de vestuário e acessórios. Desta forma, ao tempo que aumentam a atuação formal e informal no mercado, também expandem sua participação como consumidoras.

"O Associativismo e a Cooperação empresarial são o caminho para quebrar o ciclo de exclusão das mulheres do crescimento e do sucesso profissional", de acordo com a empresária Rosemma Maluf.

Ela lidera a Câmara da Mulher Empresária (CME) da Fecomércio/BA e revelou ter como missão interiorizar o movimento que começou com o Núcleo Salvador. Atualmente o estado tem 10 municípios com grupos formados.

A empresária foi empossada no mês passado como coordenadora da Câmara Brasileira das Mulheres Empreendedoras, da Confederação Nacional dos Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Foi justamente o esforço para levar a iniciativa ao interior baiano que chamou a atenção da confederação, "que quer replicar o modelo em outros estados", disse, acrescentando que, "o propósito é fomentar a cultura associativista empresarial feminina e a cooperação nos negócios entre as empreendedoras".

Também com cargo na diretoria da Associação Comercial da Bahia (ACB), como uma das vice-presidentes, Rosemma Maluf pontuou ainda que as ações visam "fortalecer o empoderamento econômico e equidade de gênero no mundo do trabalho e dos negócios".

Preconceito estrutural

A presença feminina é fomentada também dentro de empresas do porte da operadora TIM, onde as mulheres representam 51% dos colaboradores. Em cargos de liderança, no entanto, embora estejam crescendo neste aspecto, elas ocupam 34% das cadeiras.

Para estimular um movimento que já havia na telefônica, em 2019 foi lançada a Área de Diversidade e Inclusão da TIM no Brasil, visando o desenvolvimento pessoal não só das mulheres, mas com um olhar voltado também para fomentar outros grupos afetados pelo preconceito estrutural da sociedade como de diversidade sexual, raça e pessoas com deficiência.

Neste contexto, conforme a gerente de Diversidade e Inclusão da operadora, Débora Oliveira, a empresa tem parcerias com outras iniciativas. Com foco no público interno o 'Todas Group' e no lado de fora da empresa o 'Mulheres Positivas'.

Para atingir público externo em 2021 foi firmada uma parceria com o 'Mulheres Positivas', um grupo que já desenvolvia um trabalho para impactar positivamente o gênero feminino no desenvolvimento pessoal e profissional.

"Nós vimos uma oportunidade de unir forças com elas e convidamos outras empresas, potencializando a proposta", declarou, ressaltando que atualmente 90 empresas fazem parte do programa, que usa o aplicativo como ferramenta com oportunidades de capacitação e acesso a vagas de trabalho.

Com um olhar para dentro da empresa a operadora firmou parceria este ano com a Todas Group, uma plataforma digital que também já existia e foi criada para potencializar a participação feminina nas suas áreas de afinidade, oportunizando que cheguem a cargos de liderança.

"Focamos na sensibilização, visando aprimorar as habilidades das colaboradoras através de diversos meios", disse, citando como exemplo palestras, cursos, rodas de conversa e mentoria.

Aprendizado contínuo

Gerente regional do canal de lojas próprias da TIM Nordeste, a baiana Sabrina Cunha está na empresa há oito anos, onde entrou como coordenadora de canal. "Desde que somos admitidas passamos por programas de treinamento e somos estimuladas a crescer na organização", revelou, acrescentando que o aprendizado é contínuo.

Graduada em Gestão de Negócios e com MBA em Gestão de Pessoas, ela destacou a importância do preparo pessoal para a mulher ocupar posição de destaque. Também pontuou ser relevante o apoio das empresas neste sentido. "É motivo de orgulho para nós participar deste processo que incentiva as mulheres a buscarem seus espaços"

Para a gerente executiva de Mídia da TIM, Daniella Ferro, um fato chamou a atenção em especial dentro deste processo desenvolvido na empresa. "Presenciamos a promoção da gerente Regional Norte, no mês que teve filho. Isso é emblemático em um universo onde muitas mulheres perdem emprego neste período ou nem são contratadas em idade fértil", asseverou.

Sem esconder o entusiasmo com a convivência e acolhida, a publicitária baiana lamentou que tenha visto "colegas que ficaram no caminho pela dificuldade de conciliar a vida de executiva com a maternidade". No entanto, incentivou que não desistam e que se firmem cada vez mais com colaboração mútua. "Aqui na TIM temos essa prática cultural", enfatizou.

Mulheres no agro

A junção de forças para congregar e capacitar as cidadãs envolvidas com o mundo agropecuário, como nos demais segmentos, é importante para transformar vidas através do investimento em capacitação.

De acordo com dados do Censo Agro 2017, último divulgado pelo IBGE, o número de mulheres liderando empreendimentos agropecuários no Brasil passou de 13% em 2006 para 19%, somando 946,1 mil.

No entanto, para a superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/Bahia), Carine Magalhães, o número de mulheres à frente de negócios ligados à cadeia produtiva do agronegócio é maior do que o registrado nas pesquisas.

"Nós percebemos o crescimento das mulheres envolvidas com o segmento", disse, acrescentando que "muitas mulheres tem condição peculiar, como viúvas, por exemplo, que estão dirigindo os negócios da família, mas a propriedade ainda está no nome do marido".

Ela salientou que o Senar/Bahia vem defendendo a participação das mulheres também nas atividades de organização de classe. "Todo sindicato ou associação que tem mulheres na diretoria é mais organizado. Elas têm uma capacidade especial de agregação, que é própria da sua natureza", asseverou.

'Para Elas' é o programa do Senar focado na sensibilização para o protagonismo feminino através de seminários e outras modalidades de qualificação que visam preparar as mulheres tanto para atuar da porteira para dentro, quanto para a atuação externa na organização de grupos que lutam por melhorias nos seus segmentos.

Neste quesito a produtora rural Carminha Missio, vice-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária da Bahia (Faeb), se destaca na liderança do Agronegócio para além do estado. Ao lado de Carine Magalhães coordena o grupo 'Mulheres no Agro' na Bahia.

Por falta de uma oportunidade anterior, concluiu o ensino básico e médio aos 45 anos e depois se graduou em Direito. Neste tempo ainda morava no Mato Grosso do Sul, onde começou sua atuação sindical e presidiu a Apae estadual, entre outras atribuições de natureza coletiva.

Chegou na Bahia em 2005 onde a família já tinha fazendas produtivas. Logo se engajou no trabalho da Apae em Luís Eduardo Magalhães, onde assumiu também como primeira mulher presidente do Sindicato dos Produtores Rurais.

"Comecei meu despertar através do sindicalismo", disse, pontuando que "as mulheres devem se desafiar naquilo que tem algum conhecimento prático. Nunca é tarde pra começar e continuar. Eu aproveitei as oportunidades, porque é fundamental a gente se capacitar".

Com especialização em Direito do Trabalho e com MBA em Gestão do Agronegócio hoje ela inspira outras mulheres, não apenas aquelas ligadas à cadeia produtiva do campo. "Tenho muito orgulho de ser uma mulher ligada ao agronegócio. Incentivo todas que participem ativamente. No 'Mulheres no Agro' temos essa parceria de apoio com diferentes iniciativas para atingir mais mulheres", pontuou.

Uendel Galter / Ag. A TARDE / 27.2.2018

Rosemma Maluf aponta a união como caminho para inclusão das mulheres no mercado

Raphael Muller / Ag. A TARDE / 7.3.2022

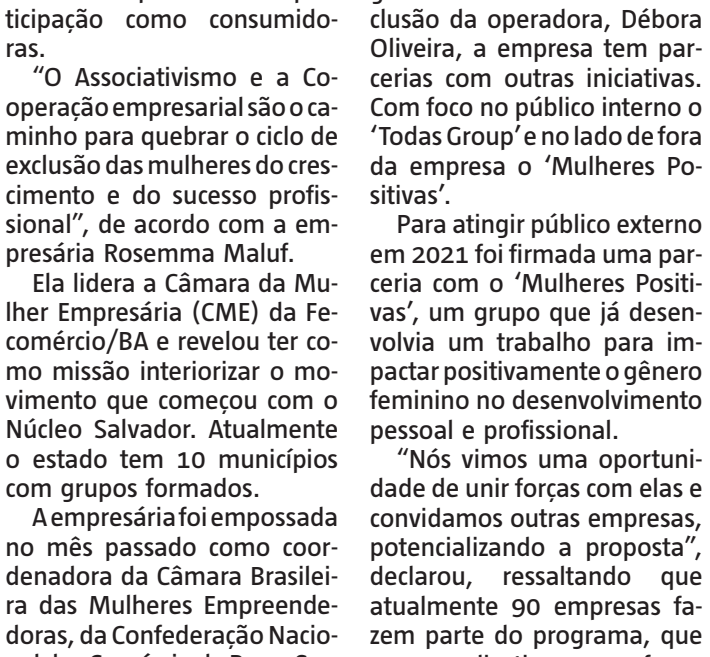
Sabrina Cunha, da TIM, aponta relevância do apoio das empresas

TIM / Divulgação

"Presenciamos a promoção da gerente Regional Norte, no mês que teve filho"

DANIELLA FERRO, gerente da TIM

Faeb-Senar / Divulgação



Carminha Missio diz que mulheres precisam superar desafios

Faeb-Senar / Divulgação

Carine Magalhães observa alta do número de mulheres no agro

ENTREVISTA

"NÓS NÃO PODEMOS MUDAR A REALIDADE SE NÃO VOTARMOS EM MULHERES"

Lídice da Mata, deputada federal

CLAUDIA LESSA

Em 1992, ou seja, há exatos 30 anos, Salvador teve sob o seu comando, pela primeira e única vez, uma prefeita: Lídice da Mata. Sua vida pública iniciada em 1982, como vereadora da capital baiana, percorre uma trajetória de lutas que têm a pauta dos direitos das mulheres como prioridade. Originária da militância estudantil e das lutas populares, a liderança feminina foi eleita deputada federal, sob o slogan "Mulheres unidas!", participando da Assembleia Nacional Constituinte de 1988 e, em 1990, depois de concorrer ao governo do Estado, se elegeu deputada estadual, tendo sido a mais votada de Salvador, e reeleita em 2002. Senadora em 2010, pelo PSB, e, atualmente, deputada federal, pelo mesmo partido, Lídice da Mata continua na luta pela igualdade de gênero e mais participação feminina na política. Em entrevista ao Caderno Municípios, a parlamentar analisa os avanços e retrocessos da luta pela participação feminina nos espaços de poder e aborda a importância da presença delas nos setores públicos e privados em todos os municípios, entre outros temas.

Jane de Araújo / Agência Senado / 5.2.2020

Qual a sua análise sobre a evolução da participação feminina nos espaços de poder e de decisão, ao longo das últimas décadas, na Bahia?

A evolução está aquém do que desejamos. Os números da Bahia não diferem dos números nacionais. Temos apenas três deputadas mulheres, o que é menos de 10% da bancada de 39. No Brasil e na própria Alba (Assembleia Legislativa da Bahia), temos algo em torno de 15% apenas e nem sempre temos mulheres eleitas que defendam as mulheres. Nas prefeituras, a situação também é desfavorável. Temos mais de 900 municípios no Brasil que se quer elegeram uma mulher para a Câmara de Vereadores. Sentimos que na Bahia e no Brasil vivemos um momento importante, pois as mulheres estão buscando participação na atividade política e isso está na ordem do dia. O maior índice de rejeição de Jair Bolsonaro, por exemplo, se dá entre as mulheres. As mulheres serão decisivas para a vitória de Lula na Bahia e no Brasil e a nossa expectativa é que a nossa bancada feminina seja duplicada nas próximas eleições.

Que avanços e retrocessos podemos destacar em relação à presença das mulheres na política e em outros espaços de poder, desde que se candidatou pela primeira vez?

O primeiro retrocesso é o fato de não termos visto mais uma mulher eleita prefeita de Salvador. Eu não fico feliz em ter sido a única. Afinal de contas, já se passaram 25 anos. Isso é revelador, mostra que os partidos não priorizam e não têm estratégia de trazer uma mulher para governar a nossa capital, apesar de um avanço no último pleito, com as candidaturas de duas mulheres negras, que foram Denice Santiago, pelo PT, e Olívia Santana, pelo PC do B. Outra coisa negativa é o direcionamento da atual gestão do governo federal com as mulheres. Recentemente, vimos um presidente da Caixa Econômica Federal ter saído do cargo por conta das denúncias de assédio sexual. Além disso, o próprio presidente da República tem uma narrativa antifeminista. A luta das mulheres contra a violência é sempre ridicularizada ou invisibilizada pelo governo dele. Esses dados são construídos de forma contínua por determinados segmentos. O avanço é o número de mulheres baianas que se destacam no parlamento federal, como Alice Portugal, Moema Gramacho, que é prefeita de uma cidade importante e também foi congressista; a própria deputada Jusmar Oliveira, que também já esteve em Brasília e, assim como Dayanne Pimentel, que tem um pensamento diferente do meu, tem grande importância para a nossa luta. Mesmo assim, de 39, jamais chegamos a cinco. No entanto, esses avanços são homeopáticos quando precisamos que sejam mais representativos.

Por que as mulheres continuam sub-representadas nas instâncias institucionais de poder?

Acho que houve a luta das mulheres. Temos mais deputadas estaduais, do que já tivemos no passado, mas eu sempre digo que são avanços homeopáticos. Nós precisamos de avanços que sejam significativos cada vez. Esta é uma questão que está relacionada com a discriminação da mulher na sociedade como um todo. As amarras de entendimento dos papéis que a mulher deve desenvolver na sociedade. Em segundo lugar, nós temos na representação uma grande dificuldade a transpor, que é a dificuldade financeira. Enquanto os homens estão no pico do domínio dos recursos econômicos produzidos pela sociedade, ou seja, do dinheiro, as mulheres estão na base da pirâmide salarial. Sem falar naquela faixa que está abaixo da pobreza. Não se faz campanha eleitoral sem que seja possível este financiamento. As mulheres têm menos acesso aos financiamentos de campanha eleitoral. Porque, como disse antes, elas estão nessa base de sustentação da pirâmide salarial do Brasil. Além disso, nós temos pouca presença nos órgãos de decisão dos partidos políticos. Este é um outro grande desafio a transpor. Nós somos base de diversos sindicatos, mas temos poucas mulheres dirigentes nessas entidades. E, nos partidos políticos, nós temos crescido o número de mulheres que são filiadas aos partidos políticos, mas geralmente não estamos no topo da direção desses partidos, que decidem os financiamentos, que tomam as decisões políticas em cada Estado, em cada cidade sobre a política daquele partido.

As mulheres serão decisivas para a vitória de Lula na Bahia e no Brasil

Estamos sempre na base e poucas vezes no topo. Isso tem que mudar

Qual a importância da presença das mulheres nos setores públicos e privados, especialmente nos municípios baianos?

A nossa participação, aqui na Bahia, como no Brasil, na área privada, quando eu era senadora, se deu com um encontro com mulheres empresárias, grandes empresárias, e elas nos falavam da dificuldade de, mesmo sendo grande empresárias de empresas de capital aberto, de terem ações na bolsa; de permanecerem nos conselhos de administração das empresas. Elas chegam à presidência uma vez. Logo em seguida, tem um rodízio, logo depois entra um homem e são sempre minoritárias nesses espaços de poder. Há um crescimento de participação da mulher empreendedora, da mulher empresária em diversas áreas, especialmente nas áreas de prestação de serviços. E na base da empregabilidade feminina, estão também as funções públicas. Nós crescemos muito naquelas funções que dependem de concurso público para a sua entrada. Isso demonstra uma inserção mais recente da mulher nas universidades e seu crescimento nessa base universitária. E, hoje, nós somos, certamente, a maioria nas universidades como estudantes e, também, como docentes, em quase todas. E temos uma inserção enorme, por exemplo, na justiça, na primeira instância. Aí vai diminuindo a nossa presença à medida em que vai crescendo hierarquicamente o posto que nós ocupamos. Então, estamos sempre na base e poucas vezes no topo; ou em número pequeno no topo. Isso tem que mudar.

De que forma as mulheres podem contribuir para transformar o mundo a partir do espaço da política, seja institucional ou social?

Primeiro, participando. Não há transformações sem a participação de ir votar e, depois, se interessar em fiscalizar, se organizar e participar de fato da política. Nós não podemos mudar essa realidade se não votarmos em mulheres, no período eleitoral. Não adianta a gente falar que quer uma igualdade nos direitos da sociedade e, quando chega a eleição, as pessoas tendo uma potencialidade de ter 30% de todas as chapas com alternativa de mulher, escolhem um homem. Então, é importante que a mulher comece a ter como meta votar em mulher. Mulheres devem votar em mulheres que pensem como você para resolver os problemas que consideram essenciais para a sociedade que incluem as mulheres.

Quais os desafios que as mulheres têm enfrentado no plano político eleitoral? E que estratégias teriam que ser usadas para o aumento da participação das mulheres na política?

Os dirigentes de partido dizem que as mulheres não querem participar da política e que, portanto, é muito difícil preencher os 30%. Mas as mulheres não são estimuladas a participar da política; são afastadas do poder de decisão dos partidos políticos e, por isso, têm resistência a participar, porque vão tendo a compreensão de que estão, como se diz, "fazendo escada para que alguém possa subir". Mas essa consciência está modificando. Com a determinação de que 30% do fundo de financiamento eleitoral sejam gastos em candidaturas de mulheres, elas começam a ser um problema, entre aspas; eu diria um bom problema para os partidos políticos estimularem novas mulheres a entrarem na política. Agora, os partidos terem que garantir 30% de candidatas é um 'problema' para ser resolvido, que é estimular a filiação de mulheres em postos importantes, contribuindo para a promoção da liderança das mulheres, da visibilidade dessas lideranças. E, hoje, se o partido elege uma mulher, vai ter o dobro do fundo partidário que cada homem gera com sua eleição. Então, isto é uma vantagem objetiva para os partidos políticos.

Como avalia a atuação do movimento feminista no processo da reforma política?

O papel das mulheres tem crescido muito na política brasileira. A manifestação de apoio a Haddad, o #EleNão contra Bolsonaro, foi uma das maiores da campanha de Haddad durante todo o processo de candidatura à presidência do país e foi uma marca de resistência política. Resistência política ao fascismo, ao machismo, à homofobia. Foi uma manifestação proposta, convocada pelo movimento de mulheres! Alguns dizem: "ah, mas quando fala do movimento de mulheres, falamos também do racismo, da homofobia". É verdade, porque as mulheres, primeiro, são solidárias com as outras causas e, depois, porque a discriminação da mulher na política e o empobrecimento da base feminina são uma questão também racial. As mulheres negras são as assalariados mais discriminadas e mais pobres do Brasil. Elas chegam a ganhar por mesma função exercida pelo homem menos da metade do que eles ganham. Então, isto é uma demarcação de que hoje vender as dificuldades de desenvolvimento no Brasil não será possível sem a inclusão massiva da mão de obra feminina. É preciso incorporar a mulher no trabalho e aumentar os seus salários. Fazer com que ela passe a ter um salário digno; um salário capaz de sustentar a sua família. Até porque nós já somos mais de 40%, em média, no Brasil, em torno de 43% e, em algumas regiões, 46%, 47% de chefes de famílias que, portanto, sustentam financeiramente a sua casa como mulher.